

A velhice e a exterioridade: o olhar do outro na velhice, uma compreensão existencial*

Old age and exteriority: the look of the other in old age, an existential understanding

Vejez y exterioridad: la mirada del otro en la vejez, una comprensión existencial

Laís Nadai Tavares

Lucia Cecilia da Silva

RESUMO: A velhice é um fenômeno biopsicossocial e cultural que apresenta transformações em nível de exterioridade. Com as mudanças do corpo, o externo passa a refletir o envelhecimento do indivíduo. Assim, este artigo tem por objetivo apresentar uma compreensão da importância do olhar alheio no processo de envelhecimento e na vivência da velhice. Para isso, baseia-se no existencialismo de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre.

Palavras-chave: Idoso; Relação; Vivência.

ABSTRACT: *Old age is a biopsychosocial and cultural phenomenon and presents a strong transformation in level of exteriority. With the changes of the body, the external one reflects the old age of the individual, who, in turn, can experience this reflection in different ways. Thus, this article refers to a theoretical and reflexive survey on old age, with the objective of presenting an existential understanding, based on the existentialism of Simone de Beauvoir and Jean-Paul Sartre, about the influence of the other's gaze on the aging process and in the experience of old age.*

Keywords: *Elderly; Relationship; Experience.*

RESUMEN: *La vejez es un fenómeno biopsicosocial y cultural que presenta transformaciones en el nivel de exterioridad. Con cambios en el cuerpo, lo externo refleja el envejecimiento del individuo. Por lo tanto, este artículo tiene como objetivo presentar una comprensión de la importancia de la mirada de los demás en el proceso de envejecimiento y en la experiencia de la vejez. Para ello, se basa en el existencialismo de Simone de Beauvoir y Jean-Paul Sartre.*

Palabras clave: *Ancianos; Relación; Experiencia.*

*“Eu não dei por esta mudança,
tão simples, tão certa, tão fácil:
Em que espelho ficou perdida
a minha face?”
(Cecília Meireles)**

Introdução

A velhice é um momento da vida muito complexo e abrange transformações nos mais diferentes âmbitos: no biológico, no psicológico, no social, no espiritual e no relacional.

É comum os idosos relatarem não se sentirem velhos e tomarem um susto quando, por exemplo, lhes é cedido um assento no ônibus, lugar em uma fila ou quando lhes são atribuídos os tratamentos de senhora e de senhor.

Na pesquisa que realizei sob a orientação da Professora Doutora Lucia Cecilia da Silva, como projeto de mestrado sobre a vivência da velhice no ano de 2017, uma de nossas participantes fez o seguinte relato, cochichando, como que confidenciando um segredo: *“Eu vou dizer bem a verdade para você, quem é que faz a gente se sentir idoso é o outro, porque o outro é que vai dizer para a gente: você está velho; é o outro que vai dizendo isso para a gente, e aí a gente vai reparando na nossa velhice”* (Tavares, 2017, p. 84).

* Poema “Retrato”. In: MEIRELES, C. (1994). **Poesia completa**. (4ª ed.). Rio de Janeiro, RJ: Nova Aguilar. (publicado em **Viagem**, de 1937, livro que a levou a ganhar, em 1938, um prêmio da Academia Brasileira de Letras.

Em seu livro **A velhice**, Simone de Beauvoir (1970) considera que uma pessoa fica sempre assustada quando é chamada de velha pela primeira vez. Muitas vezes soa como um insulto, e pode ser interpretado assim, pelo fato de o idoso não se dar conta de algumas transformações que lhe ocorrem, mas também pela visão pejorativa que, em geral, nossa sociedade tem acerca da velhice. Afinal, nossa cultura não estimula as pessoas a olharem para as facticidades da vida, ou seja, os fenômenos que fazem parte de nossa existência e com os quais precisaremos de uma forma ou de outra nos deparar, como a morte e o envelhecimento. Evitar e negar é como aprendemos a lidar com essas questões desde cedo. Nesse sentido, afirma e indaga Beauvoir (1970, p. 348): “A velhice é particularmente difícil de assumir, porque sempre a consideramos uma espécie estranha: será que me tornei, então, uma outra, enquanto permaneço eu mesma?”

Diante de tais questões, o olhar do outro, o “olhar exterior” é algo importante a ser considerado na velhice. Segundo Sartre (2007), o outro é o mediador indispensável entre mim e mim mesmo. É pela aparição do outro que podemos formular sobre nós mesmos um juízo. Na vivência da velhice não é diferente e isso passa a ser ainda mais relevante devido à incongruência entre as limitações do corpo e os desejos e projetos da pessoa que está envelhecendo. É sobre o olhar do outro na experiência da velhice, ao que lançaremos foco neste artigo, explorando, para isso, o existencialismo de Simone de Beauvoir e de Jean-Paul Sartre.

O Outro para o existencialismo

Para o existencialismo, somos seres-com-outro de forma irrevogável, isto é, somos com o outro já desde o início, somos cooriginários, estamos sempre em relação, não sendo possível compreender qualquer questão acerca do homem sem considerar seu contexto social. Não existe ser fora do mundo, não existe uma individualidade ou uma subjetividade que não seja construída na relação. Compreende-se, então, que a vivência da velhice passa indubitavelmente pelo olhar do outro e pela relação com esse outro e seu contexto.

Para melhor compreender a importância do olhar do outro em nossa constituição e, neste caso, na vivência da velhice, torna-se importante explorar os conceitos de em-si e para-si:

O ser-em-si nada mais é do que o ser do objeto. Ele é fechado, pleno, completo e recusa-se a alteridade. [...] Já o ser-para-si é o homem, ou seja, é o ser dotado de consciência. E como a consciência é sempre consciência de alguma coisa (intencionalidade de Husserl), a consciência surge em direção ao que não é ela, ou seja, ao ser-em-si (Norberto, & Fernandes, 2007, p. 1).

Dessa forma, esse outro que me é externo é apreendido por mim sob duas perspectivas: como objeto – em-si –, pois não tenho acesso a sua consciência; mas também como consciência – para-si –, pois sei que o outro é um ser como eu sou.

Eu capto o outro como um para-si igual a mim, com suas experiências e sentimentos, vontades e ideias, que não são as minhas. Não capto dois olhos, mas sim um olhar; capto uma transcendência igual a minha, algo imaterial que ultrapassa o corpo que vejo, ou seja, um para-si. Entretanto, esse sujeito que não sou me escapa e me é impenetrável, está fora do meu alcance, já que a consciência dele não pode existir para mim da mesma maneira que a minha consciência existe, sendo ele também um ser-em-si (Perdigão, 1995).

Sendo assim, o processo de envelhecer pertence àquela categoria que Sartre (1997) chamou de os irrealizáveis em “O ser e o nada”, pois o que somos para outrem é impossível viver no modo do para-si. O irrealizável é o meu ser a distância, que limita todas as minhas escolhas e constitui o meu avesso, um ser que fica implícito no olhar do outro, naquilo que pensam ou dizem a meu respeito. Essa visualização opera-se por meio de uma imagem na qual tentamos representar quem somos através do olhar que os outros têm sobre nós. Assim, a própria imagem não é dada na consciência, mas é um feixe de intencionalidades dirigidas a um objeto ausente, sendo então genérica, contraditória e vaga, mas bastando, em alguns períodos, para assegurar nossa identidade (Beauvoir, 1970). Quando não há convergência entre o que a pessoa pensa a respeito de si e o que o meio que a cerca reflete a respeito de quem é, pode haver uma grande influência no desenvolvimento de crises de identidade e outras formas de sofrimento.

Desse modo, ser apreendido pelo olhar do outro e não poder controlar a forma pela qual esse olhar irá me apreender é angustiante por si só. Um indivíduo pode, no máximo, controlar como se mostra, seu comportamento, sua aparência e seu corpo na busca de fazer com que o olhar do outro capte aquilo que ele gostaria que fosse captado,

o olhar que ele mesmo gostaria de ter sobre si e que, para isso, busca confirmação no olhar do outro. Como afirma Beauvoir (1970, p. 363): “para reencontrar uma visão de nós mesmos, somos obrigados a passar pelo outro: como esse outro me vê? Pergunto-o a meu espelho. A resposta é incerta: as pessoas nos veem, cada uma a sua maneira”.

Sendo assim, entendemos que a consciência de nós mesmos passa pela consciência que os outros fazem de nós. Segundo Sartre (2007), a consciência é intencional, está sempre voltada para algo, é consciência de alguém. Quando colocamos em questão o nosso ser, portanto, compreendemos que isso implica em outro ser que não si mesmo, isso é, pela apreensão que minha consciência faz da reflexão do outro sobre mim. Desse modo, o outro já faz parte da minha consciência como parte constituinte do meu ser. Isso significa que a consciência é, além de para-si, para-outro: o homem é um ser que implica o ser do outro em seu ser (Perdigão, 1995).

Dessa forma, também sou eu um outro para o outro, apreendido e objetificado por este outro. A compreensão que faço de mim passa, sem dúvidas, pelo olhar do outro. O outro é um ser que me vê, sendo assim, somos objetos para o olhar deste outro, pois existimos sob olhares. Ou seja:

[...] essa predisposição ontológica é apenas um ponto de partida. O reconhecimento da humanidade do Outro não é um mero laço abstrato que me liga ao Outro: irá manifestar-se, ao longo da nossa vida, como uma relação concreta de homens que vivem entre homens no mesmo mundo, ou seja, no interior de uma residência material comum a todos - o campo material onde todos realizam suas ações práticas (Perdigão, 1995, p. 140).

Referindo-se a nossa condição enquanto seres-para-outro, Sartre (2007, p. 54) afirma que o que temos é “a minha existência, a existência do outro, minha existência para o outro e a existência do outro para mim”.

Só podemos sentir vergonha, por exemplo, pela nossa aparição ao outro. Sem o outro meu ser envergonhado não existe, já que a vergonha é apreensão de mim por mim mesmo através do juízo do outro (Perdigão, 1995). Como explica Sartre (2007),

[...] o olhar é, antes de tudo, um intermediário que remete de mim a mim mesmo. [...] Imaginemos que, por ciúmes, curiosidade ou vício, eu tenha chegado ao ponto de grudar meu ouvido em uma porta ou

olhar pelo buraco de uma fechadura. [...] Significa que, detrás desta porta, uma cena se apresenta como "para ser vista", uma conversa como "para ser ouvida". [...] minha consciência adere aos meus atos, ela é meus atos, os quais são comandados somente pelos fins a alcançar e os instrumentos a empregar. Minha atitude, por exemplo, não tem qualquer "fora"; é puro processo de relacionamento entre o instrumento (buraco da fechadura) e o fim a alcançar (cena a ser vista [...]) (p. 334).

A consciência do idoso sobre sua condição enquanto tal muitas vezes se dá por essa apreensão de si que passa pelo outro:

Assim, só estou capacitado a formular sobre mim um juízo objetivo, saber-me de determinado modo (vergonhoso, covarde, feliz, generoso, colérico, alto, gordo, feio etc.) porque esse tipo de autoconhecimento *passa* pelo Outro. Para obter um pensamento objetivo sobre mim, preciso da mediação do Outro. Ele é o intermediário indispensável que remete de mim a mim mesmo. Se eu estivesse sozinho no mundo, jamais teria como me atribuir qualidades. Eu me conheço objetivamente pelos conceitos que o Outro formula sobre mim. Aquilo que sei sobre mim (meu caráter, meu corpo) provém do modo como o Outro me vê (Perdigão, 1995, p. 143).

O outro é capaz de efetuar uma síntese de mim; então, não é possível que eu me conheça senão por intermédio desse outro (Sartre, 2007). Como afirma Perdigão (1995), o olhar do outro me apreende como uma totalidade já acabada e, dessa maneira, limita minhas possibilidades, fazendo de mim algo dado, definido, transformando minha liberdade em fixidez. Atribuindo a mim uma categoria de em-si, só posso captar-me como objeto passando pela subjetividade do outro que me vê. O outro possui, então, algo que reconheço como meu, que é o meu ser objetivo, e que não posso recuperar (Perdigão, 1995).

Nesse mesmo sentido, Sartre (2007) apresenta:

Com o olhar do outro, a "situação" me escapa, ou, para usar de expressão banal, mas que traduz bem nosso pensamento: *já não sou dono da situação*. Ou, mais exatamente, continuo sendo o dono, mas a

situação tem uma dimensão real através da qual me escapa, através da qual inversões inesperadas fazem-na *ser* diferente do modo como me aparece. Por certo, pode acontecer que, na estrita solidão, eu execute um ato cujas consequências sejam rigorosamente opostas às minhas previsões e desejos (p. 341).

Desse modo, somos seres-no-mundo em relação com o outro, sendo apreendidos a todo o instante pelo olhar desse outro e buscando nos encontrar, enquanto objetividade, no reflexo distorcido que conseguimos alcançar desse olhar que nos apreende. Este olhar do outro se dá como um olhar sob o corpo e, no caso dos idosos, sob um corpo envelhecido.

O olhar do outro na velhice

O homem é um ser em relação com os outros, com as coisas circundantes e com o mundo. Ele só pode ser quem é se os outros também o reconhecerem dessa forma: para obter alguma verdade sobre mim, eu preciso considerar o outro. O outro é indispensável para minha existência; a descoberta da minha intimidade me coloca a par da liberdade do outro, que pensa e deseja a favor ou contra mim. Sendo assim, o mundo é intersubjetividade no qual o homem decide quem é e decide quem são os outros (Sartre, 1970).

Todo o homem lida, portanto, com os outros homens; o mundo no qual ele se engaja é um mundo humano, em que cada objeto é penetrado por significações humanas; é um mundo falante, de onde se elevam solicitações e apelos. É através desse mundo que cada indivíduo pode dar um conteúdo concreto a sua liberdade (Beauvoir, 2005b). Cada ser humano depende de outros humanos e o que acontece com e por meio dos outros também depende do indivíduo para dar sentido; por isso, tomamos partido a todo o instante a favor ou contra determinado fato; somos todos interdependentes (Beauvoir, 2005b).

Durante toda a vida nós aceitamos e desejamos que os outros nos confirmem como o ser que reconhecemos em nós mesmos (Sartre, 2007), mas na velhice isso nem sempre acontece. Se alguém não tem consciência do envelhecimento e não reflete sobre a sua condição de idoso, quando o outro ressoa sua velhice, a pessoa fica sobressaltada: quem é esse que dizem que sou?

É a partir do outro que, geralmente, começamos a refletir sobre nossa velhice. Esse outro que me chama de “senhor” ou “senhora”, que me dá lugar no assento preferencial do ônibus, que me aponta a fila de idosos no banco ou no supermercado etc. O outro reflete minha velhice exterior e essa passa a ser refletida internamente:

Somos escravos do Outro, que é nosso juiz e nosso senhor. Não temos para onde fugir. Para onde quer que eu vá, o que quer que eu faça, o Outro estará presente, mesmo em meu quarto fechado, porque o Outro está encravado no meu próprio miolo (sou um Ser “Para-Outro”) (Perdigão, 1995, p. 146).

Tomamos consciência de nós escapando de nós mesmos e tendo um fundamento fora de nós. Assim, eu sou para mim uma remissão ao outro (Sartre, 2007). Afinal, nós representamos quem somos através da visão que os outros têm de nós (Beauvoir, 1970).

Em sua última entrevista, Sartre disse: “Não sinto minha velhice. A velhice é uma realidade minha que os outros sentem. Os outros é que são a minha velhice” (como citado em Perdigão, 1995, p. 144). A velhice aparece de forma mais clara para os outros do que para o próprio indivíduo que envelhece. Embora algumas indisposições e mudanças biológicas possam ser percebidas, muitas vezes são negadas ou são colocadas em dúvida. “É necessário ter consciência da idade para decifrá-la no corpo” (Beauvoir, 1970, p. 348).

A atitude do idoso depende também de qual visão ele tem em relação à velhice, que, por sua vez, está relacionada com a concepção de velhice da sociedade em que se vive. Se os idosos sabem que o velho é visto como algo inferior ou de “mau gosto”, então, evitam qualquer alusão à idade, e querem crer que são jovens (Beauvoir, 1970).

Quando pensamos na influência do olhar do outro sob a vivência da velhice, precisamos compreender que, além de vários olhares intersubjetivos que impactam cotidianamente a subjetividade dos idosos, temos um grande olhar formado pela coletividade que ressoa nos discursos sociais relacionados à velhice e ao envelhecimento. E infelizmente este olhar é marcado fortemente por um cunho pejorativo, principalmente em se tratando de uma sociedade tecnológica, com rápidas transformações e na qual a sabedoria acumulada pelas gerações antecedentes tem menor

valor prático para a vivência cotidiana do que o conhecimento produzido ao longo do período de suas vidas (Palazzo, n.d.).

Segundo Beauvoir (1970), muitos dizem que, enquanto você se sente jovem, você é jovem. A autora argumenta que essa afirmativa é falsa, pois isso seria negar a dialética entre meu ser para outrem e a consciência que tomo de mim a partir dele. Afinal, “queiramos ou não, acabamos por render-nos ao ponto de vista de outrem” (Beauvoir, 1970, p. 356).

Neste mesmo sentido, Sartre (2007) afirma que temos nosso fundamento fora de nós. Sendo assim, é no olhar do outro que encontro meu reflexo, a ressonância do meu ser objetificado que me escapa. A minha totalização encontra-se à distância, de uma forma inatingível, na subjetividade do outro (Perdigão, 1995).

Segundo Beauvoir (1970):

Nada nos impõe anteriormente à necessidade de nos reconhecermos na imagem que nos foi fornecida pelos outros, e que nos amedrontava. É por isso que é possível recusá-la verbalmente, recusá-la também através do nosso comportamento (Beauvoir, 1970, p. 361).

Mas, para recusar totalmente a imagem que os outros fazem, precisamos negar constantemente e acreditar que a velhice só acontece com os outros. Essa negação pode ser vista nas roupas, maquiagens e gestos (Beauvoir, 1970). Muitas vezes o idoso tem consciência de sua condição, sabe que não é mais jovem, mas argumenta consigo para se convencer que sim (Beauvoir, 1970).

Outra forma de o idoso enxergar a própria velhice é através da velhice do outro. Segundo Beauvoir (1970), a velhice do outro também nos choca, seja essa dos nossos avós, pais ou amigos. Entrar em contato com a velhice do outro me põe em contato com a minha velhice, presente ou por vir. O envelhecimento dos outros também nos põe em contato com o nosso envelhecer. Ver as crianças que conhecemos muito pequenas, agora adultos formados, não deixa de ser um golpe, como é a velhice do nosso próximo. A velhice de pessoas que têm a mesma idade que o idoso faz com que ele olhe sua velhice fora de si. Neste momento ele passa a ter um olhar sob o outro, mas que também reflete a si. O outro sinaliza a todo o instante ao idoso sobre sua condição.

O outro que apreende meu corpo

É fundamental compreender a velhice em seu caráter de exterioridade, enfatizando, ainda, como o contexto atual dá importância a essa exterioridade que é expressa principalmente pelo corpo, já que vivemos em uma sociedade que hipervaloriza a imagem. Como Welling (2010) apresenta, o mundo contemporâneo prioriza a juventude. Nossa sociedade pós-moderna é narcísica, individualista e consumista, o que reflete significativamente nas experiências da velhice.

Moreira e Nogueira (2008) afirmam que, no contexto pós-moderno, a aliança entre o conhecimento científico e o mercado difundem soluções para a velhice, como se envelhecer fosse uma escolha individual e o corpo belo e saudável pudesse ser alcançado com investimentos estéticos e médicos. A imposição que prevalece é a de um padrão estético e comportamental que se distancia cada vez mais da velhice, como a pele lisa sem rugas, o corpo magro e definido e o comportamento ativo, por exemplo. Assim, os idosos, nesse contexto, passam por ameaças a sua autoestima, dificultando a aceitação de si e da experiência desse momento da vida.

Para o existencialismo, a corporeidade, isso é, a forma como vivenciamos nosso corpo tem um papel fundamental muito maior que sua estética, já que é através do corpo que nos situamos no mundo e nos relacionamos com ele e com os outros. É a partir das possibilidades biológicas que o indivíduo se lança ao mundo. O corpo, porém, não é um fato bruto, ele também explica nossa relação com o mundo e, por isso, pode ser objeto de simpatia ou de repulsa para nós próprios e para toda uma construção social (Beauvoir, 2005b).

O corpo é o que permite uma conexão entre o si mesmo e o mundo; assim, a percepção do próprio corpo é pôr-se num lugar e em num tempo, com as possibilidades e os limites demarcados pelo existente (Sartre, 2007).

Diante das mudanças corporais ocorridas na velhice, a corporeidade torna-se uma temática fundamental a ser explorada dentro do estudo do envelhecimento, principalmente no que se refere à compreensão de como esse corpo envelhecido é vivido pelos idosos.

Pois, com efeito, o outro me aparece empiricamente por ocasião da percepção de um corpo, e esse corpo é um Em-si exterior a meu

corpo; o tipo de relação que une e separa esses dois corpos é a relação espacial como relação de coisas que não têm relação entre si, como exterioridade pura enquanto se revela (Sartre, 2007, p. 300).

É o outro que me capta como um corpo no mundo e é através do outro que eu me percebo situado objetivamente como um corpo. Não é possível conhecer a mim somente por mim mesmo e também não posso usar meu corpo como algo que está fora de mim, como um instrumento, pois eu sou o corpo e é como corpo que eu existo (Perdigão, 1995).

Frente a este tema, podemos pensar em como as mudanças corporais características desta fase exteriorizam a velhice, tornando-a facilmente apreendida pelo outro, porém mais difícil de ser notada pelo próprio idoso. Esse é um dos fatores que facilita a negação da velhice e que ganha força numa sociedade, cujos ideais de beleza e vigor encontram-se na juventude.

A negação da velhice, entretanto, pode gerar embaraços para o idoso, sua família e suas relações. Quando pensamos no cuidado que a família tem para com o idoso, por exemplo, vemos que a negação da velhice pode desencadear dificuldades, pois a falta de consciência do idoso frente às alterações corporais e às possíveis limitações decorrentes dessas alterações podem preocupar a família, que pode acabar por reagir de forma incisiva, limitando a autonomia do idoso e até desrespeitando seus desejos e sua singularidade. Por outro lado, quando as limitações do corpo são aceitas pelo idoso, diminui-se a preocupação dos outros para com ele, o que aumenta a autonomia do indivíduo em seu cotidiano. Essa consciência de si também permite ao idoso uma melhor compreensão dos seus limites e das suas potencialidades, permitindo que ele vivencie, então, a velhice em sua completude.

Além disso, notamos uma dificuldade comumente vivenciada no quesito identidade, causada pelas mudanças no corpo e na face. Diante de seu corpo envelhecido, diversas podem ser as reações do idoso: ele pode negar as transformações corporais, mesmo que sinais recorrentes de que elas estão ali existam, inclusive o olhar do outro as refletindo; ele pode aceitar e aprender a viver com essas transformações e ele pode até buscar manter a identidade jovem a partir de tratamentos estéticos. Nesse último caso, o idoso ainda assim passa a apresentar um rosto diferente do rosto de sua juventude, mas também diferente de seu rosto envelhecido, o que pode interferir no seu processo de identificação.

Beauvoir (1970) se refere a essa dificuldade de identificação que enfrenta o idoso: “Por mais que tenhamos encontrado uma imagem mais ou menos convincente, mais ou menos satisfatória de nós mesmos, temos que viver essa velhice que somos incapazes de realizar” (p. 369). Essa é a velhice que passa pelo olhar do outro.

Diante deste olhar alheio, o idoso pode manipular o que o outro vê dele, como este outro o objetifica, alterando o corpo na busca de uma exterioridade jovem. Como afirma Perdigão (1995), uma das atitudes que posso tomar diante do olhar do outro é adotar sobre mim o ponto de vista desse outro, conservando o outro e escondendo-me como liberdade, para então escravizar o outro. Em outros termos, tentamos nos fazer do modo que queremos ser vistos, tornando-nos mais corpo que liberdade, mais objeto visto pelo outro do que sujeito de nós mesmos.

Para explorar as crises de identificação, Beauvoir (1970) utiliza uma comparação entre as etapas da vida. Segundo ela, as crianças e adolescentes têm proibições e deveres, e o comportamento do outro os lembra a todo o instante disso. Já os adultos não pensam na idade e, desse modo, vão se passando os dias e anos. Como idosos, o outro se torna um reflexo muito importante, pois é esse outro que os lembra de que envelheceram. Nesse momento pode surgir uma crise de identidade semelhante à do adolescente, com a diferença de que este se dá conta da transição, o corpo muda e o incomoda, enquanto o idoso sente-se velho através dos outros, pouco experimenta as mutações interiormente, não adere à etiqueta que o outro cola nele e fica sem saber quem é (Beauvoir, 1970).

Compreendemos, então, que a reflexão do outro sobre minha condição como idoso é feita a partir da minha condição como corpo envelhecido. O corpo se modifica na velhice e apresenta-se como uma exterioridade marcante do idoso, que pode ser captada e refletida rapidamente pelo outro, que lembra a todo o instante a condição do idoso como tal. Ter esse reflexo direcionado pelo outro pode gerar muita estranheza quando o idoso pouco reflete sobre as transformações comuns da velhice, inclusive frente a sua corporeidade. Essas transformações são vividas, e muitas vezes relatadas, como dificuldades de locomoção, dores corporais, menor resistência física ou mudanças estéticas, mas são pouco refletidas como parte de um novo momento da vida. Entendemos que é a falta de reflexão sobre essa nova condição que pode gerar crises de identidade, sobrecargas e adoecimentos, principalmente quando o olhar do outro me revela algo sobre mim de que eu sequer havia me dado conta.

Considerações finais

É possível compreender que a vivência da velhice e a consciência que o idoso terá de si e de sua velhice passa indubitavelmente pelo olhar do outro, que reflete esta velhice pela exterioridade. As atitudes do outro sinalizam ao idoso que ele envelheceu, sejam essas uma mudança na forma de tratamento (“senhor”, “senhora”), um lugar cedido na fila ou em um acento no ônibus, entre outras. Certas transformações sempre ocorrerão na velhice, mas inúmeros fatores influenciam em como elas ocorrerão (de forma lenta ou rápida, parcial ou total) e em como o indivíduo irá lidar com essa situação (Beauvoir, 1970).

Também se entende que, perante a exterioridade que apresenta o corpo, que é intensamente transformado na velhice, podem ocorrer distinções entre a aparência e o senso de identidade, entre a relação que se trava com o outro e com o mundo que, por sua vez, refletem ao idoso sua velhice. Torna-se importante que o idoso possa alcançar uma integração entre corpo-mente, entre eu-outro e entre sua imagem e sua identidade.

Enquanto o sentimento de juventude permanece vivo, a idade assemelha-se a uma aparência, como uma máscara emprestada, e é por isso que, para sair da crise de identificação, é necessário adquirir uma nova imagem de si mesmo (Beauvoir, 1970). Essa nova imagem vem da integração entre como me sinto e como o outro me ressoa. Beauvoir (2005b, p. 18) concorda com a necessidade dessa integração e apresenta que “para atingir sua verdade, o homem não deve tentar dissipar a ambiguidade de seu ser”, entendendo-se que é possível desenvolver um olhar de si a partir do próprio senso identitário e do que o outro lhe ressoa.

Compreende-se que o ser humano é um ser de exterioridade, pois está no mundo em relação com esse mundo e com os outros, mas também é um ser de interioridade, pois age, se interroga, e é livre (Beauvoir, 2005a). A grande dificuldade que surge na velhice é que a interioridade e a exterioridade, embora inseparáveis, podem deixar de ser congruentes ou seja, o idoso pode não notar ou não querer notar a velhice em sua interioridade, se chocando quando essa é expressa pelo outro (exterioridade).

O ser humano possui uma exterioridade, mas é um ser que interioriza sua situação e reage a ela (Beauvoir, 1970). Não existe ser fora do mundo, não existe uma individualidade, uma subjetividade que não seja construída na relação.

Ainda assim, o ser humano não é um ser passivo, pois ele age ativamente em suas relações, construindo a si e participando da construção dos que estão ao seu redor. Como afirma Sartre (2007, p. 339): “Com efeito, captar-me como *sendo visto* é captar-me como sendo visto *no mundo* e a partir do mundo”.

É ressaltada, então, a importância da desconstrução da visão pejorativa que ainda existe no que se refere à velhice e também ao cuidado da idealização desse momento da vida. Como nossa compreensão de nós mesmos passa irrefutavelmente pelo outro, manter uma compreensão negativa da velhice aumenta a negação deste momento, dificultando uma vivência consciente e integrada. Se não nego a velhice e a compreendo como uma facticidade, posso me preparar em juventude com medidas cabíveis e conscientes, como cuidados com a alimentação, atividades físicas e cuidado da saúde mental. Por outro lado, exaltar a velhice como a melhor fase da vida é também negar toda uma gama de alterações que são intrínsecas a este momento.

Que possamos estimular um diálogo sobre a velhice em sua completude, com todas as possibilidades e dificuldades que podem ser vivenciadas pelos idosos, de forma ampla e em suas singularidades, incluindo neste diálogo as diversas faixas etárias, é fundamental. Afinal, quem somos nós senão os velhos de amanhã?

Referências

- Beauvoir, S. (1970). *A velhice*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2005a). *Pirro e Cinéias*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Beauvoir, S. (2005b). *Por uma moral da ambiguidade*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Freitas, M. C., Queiroz, T. A., & Sousa, J. A. V. (2010). O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 44(2), 407-412. Recuperado em 26 março, 2019, de: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n2/24.pdf>.
- Meireles, C. (2001). *Poesia completa*. Rio de Janeiro, RJ: Editora Nova Fronteira.
- Moreira, V., & Nogueira, F. N. N. (2008). Do indesejável ao inevitável: a experiência vivida do estigma de envelhecer na contemporaneidade. *Psicologia USP*, 19(1), 59-79. Recuperado em 26 março, 2019, de: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642008000100009&lng=en&nrm=iso&tlng=pt.
- Norberto, M. S., & Fernandes, S. L. C. (2007). *Consciência em Sartre*. Recuperado em 26 março, 2019, de: http://www.puc-rio.br/pibic/relatorio_resumo2007/resumos/FIL/marcelo_norberto.pdf.

Palazzo, L. (n.d.). *Ciência e Educação no Século XXI*. Recuperado em 26 março, 2019, de: http://professores.dcc.ufla.br/~monserrat/isc/Ciencia_educacao_seculo_xxi.html.

Perdigão, P. (1995). *Existência & liberdade: uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre, RS: L & PM.

Sartre, J. P. (1970). *O existencialismo é um humanismo*. R. C. Guedes, Trad. Paris, France: Les Éditions Nagel. (Obra original publicada em 1970).

Sartre, J. P. (2007). *O ser e o nada - Ensaio de ontologia fenomenológica*. P. Perdigão, Trad. Petrópolis, RJ: Vozes. (Obra original publicada em 1943).

Tavares, L. N. (2017). *A vivência da velhice numa perspectiva fenomenológica-existencial*. Dissertação de mestrado, Universidade Estadual de Maringá, Maringá, PR, Brasil.

Welling, S. M. L. (2010). Velhice, imagem corporal e o mundo contemporâneo. *Revista Polêm!ca*, 9(3), 98-103. Recuperado em 26 março, 2019, de <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/polemica/article/view/2797/1911>.

Recebido em 17/06/2018

Aceito em 30/11/2018

* Agências de fomento: CAPES.

Lais Nadai Tavares - Psicóloga, CRP 08/21107. Filiação à Universidade Estadual de Maringá, UEM. Professora universitária na UniCesumar, no Departamento de Psicologia, atuando nas áreas de Processos Psicológicos Básicos e de Psicoterapia Existencial Humanista.

E-mail: lais.nadai2@gmail.com

Lucia Cecilia da Silva - Psicóloga, CRP 08/2207. Filiação à Universidade Estadual de Maringá, UEM. Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá, Diretora do Veredas Instituto de Psicologia, Arte e Cultura. Atua e pesquisa nas áreas de Psicologia da Saúde na abordagem fenomenológico-existencial.

E-mail: lcsilva2@uem.br